

Histórias Infantis

CONTOS INFANTIS ILUSTRADOS



ILUSTRAÇÕES DE
RICHARD JOHNSON



O gato de botas

Era uma vez um velho moleiro que tinha três filhos. Antes de morrer, reuniu os seus filhos e diante deles dividiu os seus bens pelos três. Ao filho mais velho, o moleiro deu-lhe o moinho. Ao filho do meio deixou-lhe o burro. E ao mais novo entregou-lhe um gato. O filho mais novo, com o gato no seu colo, comentou desiludido: - Que eu vou fazer com um simples gato? Qual não foi a sua surpresa quando ouviu o gato responder-lhe: - Se me deres umas botas pretas, um fato e um saco, farei de ti um homem rico! Assim fez o rapaz e o gato, todo aperaltado, partiu deixando o seu novo dono muito baralhado. O gato das botas dirigiu-se ao bosque e caçou duas perdizes, que meteu dentro do saco. Dirigiu-se depois ao Castelo do rei e ofereceu-as ao rei, em nome do seu amo, o marquês de Carabás.

Dia após dia, o gato continuou a oferecer presentes ao rei, em nome do marquês, o que fez com que o rei ficasse curioso em saber quem era o marquês de Carabás. Numa bela tarde, enquanto o rapaz e o seu gato descansavam à beira rio, a carruagem do rei aproxima-se. O gato, rapidamente acorda o seu amo e diz-lhe para se despir e atirar-se ao rio. O rapaz, meio confuso, faz o que o gato lhe diz. Então o gato das botas corre em direção à carruagem, com um ar aflito, e grita: - Socorro majestade! Roubaram as roupas ao meu amo, o marquês de Carabás!

O rei, reconhecendo o nome do marquês, para prontamente e empresta ao jovem nobres roupas, oferecendo-lhe boleia até à sua casa. O jovem entra na carruagem, meio embaraçado e aflito, pois não sabia o que dizer, sentando-se entre o rei e a sua bela filha, que o acompanhava.

O gato prontamente indica o caminho ao cocheiro do rei e, depois de a carruagem arrancar, corre desenfreado até às terras junto ao castelo do ogre. Quando lá chegou, viu os camponeses, a quem disse: - Se querem livrar-se do Ogre malvado, quando o rei passar digam que todas estas terras pertencem ao marquês de Carabás.

E continuou a correr, em direção ao castelo. Quando chegou, encontrou o ogre, que era o dono de todas aquelas terras, sentado a descansar. O ogre ao vê-lo, perguntou: - Quem és tu? E o que fazes no meu castelo? Ao que o gato respondeu:

- Eu sou o gato das botas, um humilde servo vosso... ouvi dizer que possuíis poderes mágicos. É verdade? Será que vós conseguiríeis transformar-vos num leão? Ao ouvir isto, o ogre transforma-se imediatamente num enorme leão!

O gato, cheio de medo, responde: - Que maravilha ... mas será que conseguiríeis transformar-vos num minúsculo ratinho? E o ogre, orgulhoso e imprudente, transforma-se logo num pequeno ratinho. O gato das botas, sem perder tempo, salta em direção ao ratinho e come-o.

Nessa altura, chega o coche do rei às portas do castelo, e o gato das botas dirige-se a eles para os receber: - Bem-vindo ao castelo do meu amo, marquês de Carabás!

O rei, impressionado com a simplicidade do jovem rapaz, que se encontrava ao pé da porta admirado, convida o agora marquês de Carabás a casar com a sua linda filha. O rapaz aceita e vive feliz para sempre acompanhado da sua bonita princesa e do seu fiel gato.



O Capuchinho Vermelho

Era uma vez uma linda menina que vivia no bosque e a que todos chamavam, carinhosamente, de capuchinho vermelho. Um dia a mãe chamou-a e pediu-lhe um favor: - Coloquei neste cesto um bolo e um pote de mel. Leva-o à avozinha, que tem ando adoentada. Mas capuchinho, tem cuidado! Não te desvies do teu caminho e não fales com desconhecidos.

- Sim mãe, farei como dizes- prometeu capuchinho vermelho. Ia capuchinho vermelho pelo caminho quando, de repente, encontra o lobo mau. Este, com uma voz muito doce, disse-lhe: - Olá capuchinho vermelho! Prazer em conhecer-te, finalmente... A capuchinho vermelho achou que o lobo mau até era simpático, ao contrário do que a toda a gente dizia, até mesmo a sua mãe. Mesmo assim, respondeu-lhe:

- Desculpe sr. Lobo, mas a minha mãe proibiu-me de falar com pessoas que não conheço. - Mas eu sou o lobo, o mais popular de todos os animais do bosque. Não há problema nenhum capuchinho vermelho... todos me conhecem bem!... onde vais com essa cesta?

- Vou ver a minha avozinha e levar-lhe um bolo e um pote de mel. - Ai sim... e onde vive a tua avozinha? - Vive numa casinha perto do lago, junto a uma grande árvore. O lobo, já com água na boca, pensou: nham nham, hoje não vou passar fome! E disse-lhe: - Bem capuchinho vermelho, gostei de te conhecer, mas agora vou andando... até breve! - Adeus, respondeu capuchinho vermelho, sem sequer imaginar o que o lobo estava a planear. Como o lobo era muito esperto e manhoso, foi pelo atalho, até á casa da avozinha, de modo a chegar primeiro que a capuchinho vermelho. Quando lá chegou, á bateu à porta da casa da avozinha. De dentro da casa, a avozinha respondeu: - Quem é? E o lobo disse, com voz fina: - É a capuchinho vermelho e trago um bolo e um pote de mel para ti, avozinha. A avó, que estava deitada na cama a descansar, respondeu: - Podes entrar minha querida, a porta está aberta. O lobo mau abriu a porta e, sem fazer barulho, foi ao quarto da avozinha e comeu-a. A seguir, vestiu as suas roupas, enfiou a touca, colocou no nariz os óculos da avó, e meteu-se na cama, cobrindo-se muito bem com uma manta.

Passado uns minutos, a capuchinho vermelho, chega finalmente a casa da avó. Vendo a porta aberta, entrou e disse: Está alguém em casa? Avozinha?

Ao que o lobo respondeu: - Entra a minha querida netinha, estou no quarto. Então, Capuchinho vermelho dirigiu-se ao quarto da avó. Ao chegar lá, viu o lobo mau disfarçado de avozinha, e achou que era ela. Capuchinho Vermelho aproximou-se da cama, mas achou que a avozinha estava diferente. Então disse: - Ò avó, estás com umas orelhas tão grandes! E o lobo disfarçado, respondeu: - São para te ouvir melhor. E a Capuchinho continuou: - E tens uns olhos tão grandes! Ao que o lobo respondeu: - São para te ver melhor. - Ò avozinha, tens uma boca tão grande! - É para te comer melhor! Respondeu o lobo e nisto, salta da cama para comer a pobre capuchinho vermelho. Mas ela conseguiu fugir. O lobo mau, que já tinha comido a avó e estava de barriga cheia, não se importou e pôs-se a dormir. Na floresta, a capuchinho vermelho encontrou um caçador que por lá andava, e pediu-lhe ajuda. O caçador entrou a correr, em casa da avozinha e encontrou o lobo mau, a dormir profundamente.

Então, aproximou-se e zás! Cortou a barriga ao lobo mau e de lá tirou a avozinha, que ainda estava viva. Depois, colocou lá dentro várias pedras e coseu de novo a barriga. Quando o lobo acordou, viu o caçador e fugiu, cheio de medo. A capuchinho vermelho abraçou a avó e prometeu que nunca mais ia desobedecer à sua mãe. Ela, a avozinha e o caçador comeram o bolo e o mel, felizes por tudo ter acabado bem.

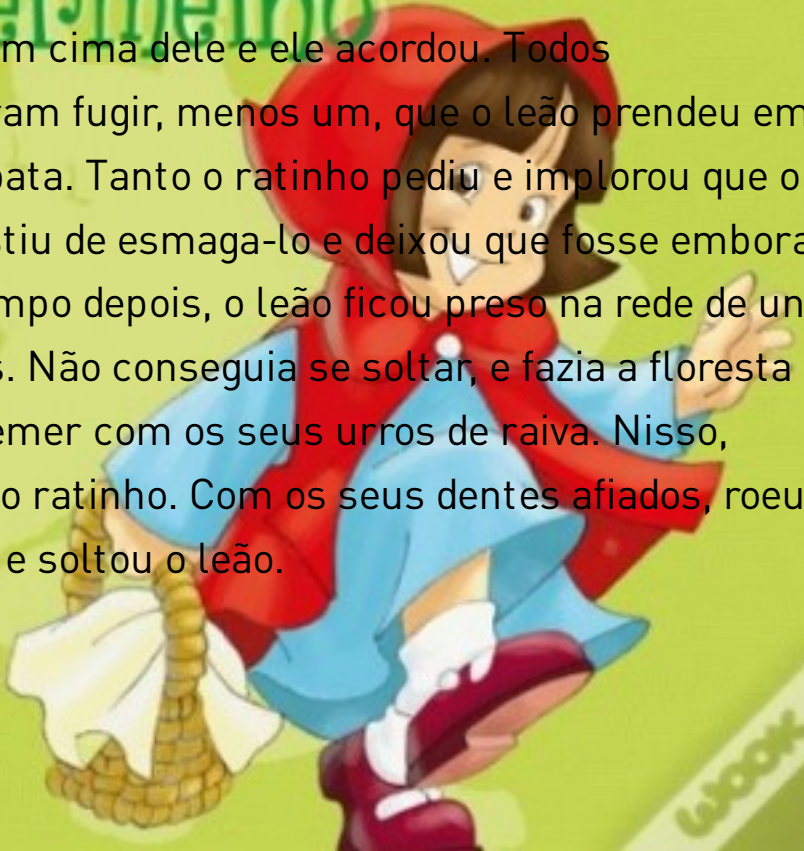
O Leão e o Ratinho

Contos Favoritos

Capuchinho

Vermelho

Um leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado à sombra de uma boa árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou. Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu em baixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora. Algum tempo depois, o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguia se soltar, e fazia a floresta inteira tremer com os seus urros de raiva. Nisso, apareceu o ratinho. Com os seus dentes afiados, roeu as cordas e soltou o leão.



Wook

O LEÃO E O RATINHO

FÁBULAS ILUSTRADAS

Os três porquinhos

Era uma vez três porquinhos que viviam na floresta com a sua mãe. Um dia, como já estavam muito crescidos, decidiram ir viver cada um em sua casa. A mãe concordou, mas avisou-os: - Tenham muito cuidado, pois na floresta também vive o lobo mau, e eu não vou estar lá para vos proteger. - Sim mamã! - Responderam os três ao mesmo tempo. Os porquinhos procuraram um bom lugar para construir as suas casas e, assim que o encontraram, cada um começou a fazer a sua própria casa. O porquinho mais novo, que só pensava em brincar, fez a sua casa muito rapidamente, usando palha. O porquinho do meio, ansioso por ir brincar com o mais novo, juntou uns paus e depressa construiu uma casa de madeira. O porquinho mais velho, que era o mais ajuizado, lembrou-se do que a sua mãe lhe tinha dito, e disse: - Vou construir a minha casa de tijolos. Assim terei uma casa muito resistente para me proteger do lobo mau.



É claro que foi o que demorou mais tempo a construir a casa, mas, no fim, estava muito orgulhoso dela, e só aí se juntou aos seus irmãos para brincar. Um dia andavam os três porquinhos a saltar, muito divertidos, quando aparece o lobo mau: - Olá! Vejo três deliciosos porquinhos á minha frente. Ao verem o lobo mau, fugiram, cada um para sua casa. O lobo, que estava cheio de fome, chegou ao pé da casa do porquinho mais novo, e disse: - Cheira-me a porquinho! Sai daí que eu vou te comer! Se não saíres, deito a tua casa de palha abaixo... E vendo a casa de palha á sua frente, soprou tão forte, que fez a casinha ir pelo ar! O porquinho assustado correu para a casa do irmão do meio, que tinha uma casa de madeira. Quando o lobo lá chegou, gritou novamente: - Cheira-me a porquinho! E eu estou com tanta fome que vos vou comer aos dois... E com dois sopros, conseguiu deitar a casa de madeira abaixo. Os dois porquinhos mais novos correram então, apavorados, para a casa do irmão mais velho, que era de tijolo. O lobo, vendo que os três porquinhos estavam todos numa só casa, exclamou, louco de alegria:

- Cheira-me a porquinho! E mais fome não vou eu ter, pois apanhei três porquinhos para comer! Então o lobo encheu o peito de ar e soprou com toda a força que tinha, mas a casinha de tijolos não se mexeu nem um bocadinho. Aliviados, os três porquinhos saltaram de contentes. Mas o lobo não desistiu, e disse: - Não consegui deitar a casa de tijolos abaixo nem derrubar a sua porta, mas eu tenho outra ideia... esperem que já vão ver! E começou a subir o telhado, em direção à chaminé. Os porquinhos mais novos ficaram aflitos, mas o mais velho, que era muito esperto, colocou no fogão, por baixo da chaminé, um grande caldeirão de água a ferver. O lobo, ao entrar pela chaminé, caiu no caldeirão de água quente e queimou o rabo, fugindo o mais rápido que podia para o meio da floresta. Os dois porquinhos agradeceram ao seu irmão mais velho, e aprenderam a lição. Deste lobo mau, nunca mais se ouviu falar...

A Lebre e a Tartaruga

OS TRÊS

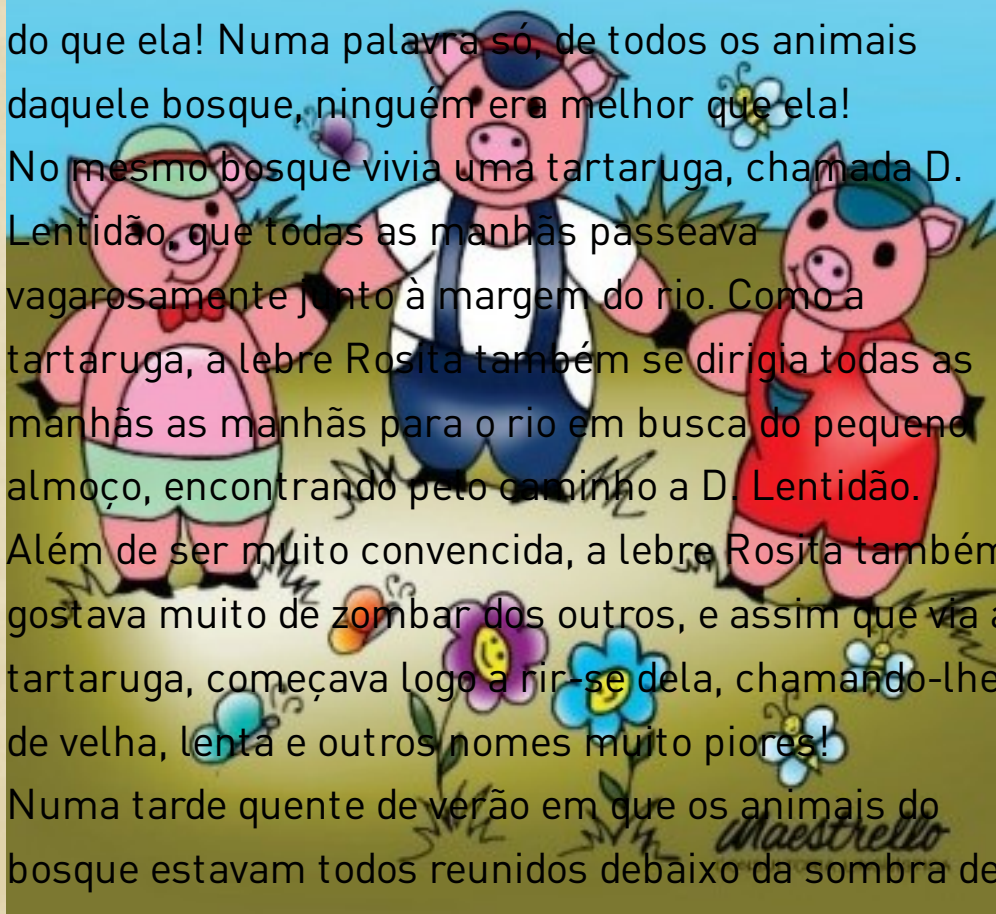
Era uma vez uma lebre do bosque a quem chamavam de Rosita que era muito vaidosa.

De entre todos os animais do bosque, ela achava-se a mais bonita, a mais esperta e a mais rápida. Além disso, ninguém tinha melhor faro para achar comida do que ela! Numa palavra só, de todos os animais daquele bosque, ninguém era melhor que ela!

No mesmo bosque vivia uma tartaruga, chamada D. Lentidão, que todas as manhãs passeava vagorosamente junto à margem do rio. Como a tartaruga, a lebre Rosita também se dirigia todas as manhãs para o rio em busca do pequeno almoço, encontrando pelo caminho a D. Lentidão.

Além de ser muito convencida, a lebre Rosita também gostava muito de zombar dos outros, e assim que via a tartaruga, começava logo a rir-se dela, chamando-lhe de velha, lenta e outros nomes muito piores!

Numa tarde quente de verão em que os animais do bosque estavam todos reunidos debaixo da sombra de uma grande árvore, a lebre resolveu zombar de



D. Lentidão mais uma vez e desafiou-a para uma corrida. Os animais do bosque ao ouvir semelhante coisa, começaram todos a rir. A raposa Cecília, que muito gostava destas confusões, afirmou que a tartaruga até poderia ganhar à lebre.

Tudo dependia da vantagem que desse à D. Lentidão na corrida e, sendo assim, até apostaria nela.

Todos os animais do bosque começaram a falar ao mesmo tempo sobre a corrida e, discutiam calorosamente qual a possibilidade da tartaruga D. Lentidão poder ganhar à lebre Rosita.

A lebre ao ouvir tais comentários, começava a ficar aborrecida pois achava impossível alguém duvidar das suas capacidades de corredora.

Já que a tartaruga aceitara o desafio, decidiu-se então qual o melhor dia para a corrida e quais as condições, ficando a raposa Cecília responsável por organizar tudo. Ficou decidido que a meta seria junto ao rio, todos os animais estariam à espera.

No dia e hora da corrida, já a lebre e a tartaruga se encontravam nos seus lugares: A lebre Rosita muito alegre e confiante da sua vitória e, a D. Lentidão com os seus olhos pequeninos e tristes, parecendo mais

pesada do que nunca. Enquanto a lebre começava a corrida na linha de partida, junto da árvore do melro Fortunato, a tartaruga começava mais a frente, quase a meio do caminho, em direção ao rio.

A raposa Cecília deu sinal de partida e a tartaruga, sem perder tempo começou logo a andar pela encosta abaixo. Mas Rosita continuava parada, enquanto via D. Lentidão vagorosamente percorrendo o caminho, e gritava: "Não corras tanto velha tartaruga que ainda caís e te magoas!".

A lebre decidiu então fazer uma pequena sesta junto à árvore do melro Fortunato, pois a tartaruga ia de tal maneira devagar que a lebre, em duas passadas, a alcançaria rapidamente e conseguiria ganhar a corrida. Pouco a pouco, D. Lentidão lá ia fazendo o seu percurso em direção à meta, já muito cansada mas sem desistir. Alguns animais da floresta acompanhavam a tartaruga, animando-a com palavras de encorajamento.

Já estava a D. Lentidão quase a chegar à meta quando a lebre Rosita acordou de um salto só, viu a tartaruga lá longe e correu monte abaixo como louca.

O melro Fortunato só gritava: "Cuidado Rosita, assim vais cair!". Mas Rosita não ouvia o melro e continuava em direção à meta convencida da sua vitória.

Os animais do bosque estavam cada vez mais animados e gritavam uns pela tartaruga, outros pela lebre, mas com a aproximação rápida da lebre, já poucos duvidavam da sorte da tartaruga.

Foi então, muito perto do fim que a D. Lentidão tropeçou numa pedra, deu uma cambalhota e começou a rolar estrada abaixo!

Sem se aperceberem bem do que tinha acontecido, os animais do bosque viram D. Lentidão atravessar a linha da meta a rebolar! Era incrível ... a tartaruga tinha ganho a corrida perante o olhar espantado da lebre!

Todos deram as vivas à tartaruga, levando-a em ombros enquanto a convencida da lebre Rosita fugia para a sua toca, de orelhas baixas e muito envergonhada.

A galinha ruiva

Era uma vez uma galinha ruiva chamada Marcelina que vivia rodeada de muitos animais.

Era uma granja muito grande no meio do campo. No estábulo viviam as vacas e os cavalos; os porquinhos tinham o seu próprio chiqueiro. Havia até um tanque com patos e um cercado com muitas galinhas. Havia na granja também uma família grande que cuidava dos animais, entre eles um gato e um cachorro. Um dia a galinha ruiva, escavando a terra encontrou um grão de trigo.

Pensou que se plantasse o grão de trigo, depois poderia fazer pão para ela e todos os seus amigos.

- Quem vai me ajudar a semear trigo? Pergunta a galinha.

- Eu não, disse o pato.

- Eu não, disse o gato.

- Eu não, disse o cachorro.

- Muito bem, pois eu plantarei sozinha, disse a galinha.

E assim, Marcelina semeou o seu grão de trigo, sozinha, com muito cuidado. Abriu um buraco na terra e o tapou. Passado algum tempo o trigo

A Lebre

e a Tartaruga

Contém

4

livros-coloridos

Grande Cultural

cresceu e amadureceu se tornando uma bonita planta.

- Quem vai me ajudar a colher o trigo? Perguntou a galinha ruiva.

- Eu não, disse o pato.

- Eu não, disse o gato.

- Eu não, disse o cachorro.

- Muito bem, se não querem me ajudar, eu colherei sozinha mesmo, exclamou Marcelina.

E a galinha, com muito esforço colheu sozinha, o trigo.

Teve que cortar com o seu pequeno bico um a um dos talos. Quando acabou, muito cansada perguntou aos seus companheiros:

- Quem vai me ajudar a debulhar o trigo?

- Eu não, disse o pato.

- Eu não, disse o gato.

- Eu não, disse o cachorro.

- Muito bem, eu debulharei sozinha.

Estava muito chateada com os outros animais, assim que se pôs sozinha a debulhar o trigo. Triturou com paciência até conseguir separar o grão da palha.

Quando acabou, voltou a perguntar:

- Quem vai me ajudar a levar o trigo para o moinho

para convertê-lo em farinha?

- Eu não, disse o pato.

- Eu não, disse o gato.

- Eu não, disse o cachorro.

- Muito bem, eu levarei e amassarei sozinha mesmo, respondeu Marcelina.

E como a farinha fez uma deliciosa e macia barra de pão. Após cozinhar o pão, muito tranquilamente perguntou:

- E agora, quem vai querer comer pão? Voltou a perguntar a galinha ruiva.

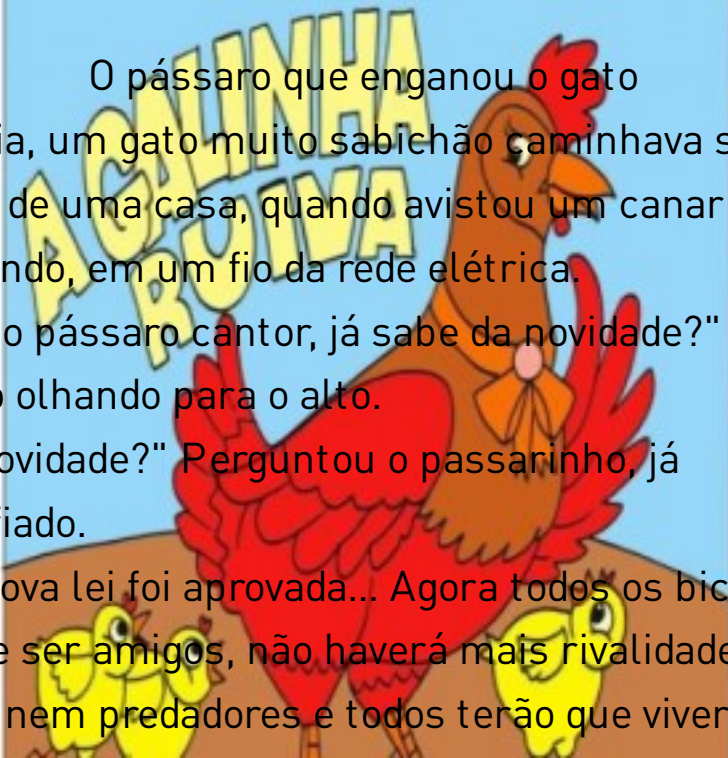
- Eu, eu! Disse o pato.

- Eu, eu! Disse o gato.

- Eu, eu! Disse o cachorro.

- Pois bem, nenhum de vocês vai comer! Disse Marcelina. Comerei eu e os meus filhos, pois não quiseram me ajudar a semear, colher, debulhar, nem amassar o trigo.

E assim o fez. Chamou os seus pintinhos e compartilhou o pão com eles.



O pássaro que enganou o gato

Certo dia, um gato muito sabichão caminhava sobre o telhado de uma casa, quando avistou um canarinho assobiando, em um fio da rede elétrica.

"Ei! Belo pássaro cantor, já sabe da novidade?" Disse bichano olhando para o alto.

"Que novidade?" Perguntou o passarinho, já desconfiado.

"Uma nova lei foi aprovada... Agora todos os bichos terão de ser amigos, não haverá mais rivalidade, nem presas, nem predadores e todos terão que viver em harmonia".

"Sério?!!" Questionou o canário.

"Sim, e para comemorar, voe até aqui e venha-me dar um abraço, sejamos amigos!".

"Tudo bem" disse o canário, "Vou pousar próximo à casinha do Rex, aquele grande pastor alemão ali no quintal e então nos abraçaremos e comemoraremos os três juntos".

Ouvindo isto, o felino saltou tentando agarrar o pássaro, que voou rapidamente e gargalhou do gato.

"Lei nova... ha, ha, ha, ha!!!

O gato saiu frustrado e resmungando, pois não

contava com a astúcia do pequeno pássaro.



Galinha dos Ovos de Ouro

Era uma vez um casal sem filhos que vivia numa pequena cidade do interior. Eles eram conhecidos por serem muito avarentos e nunca estarem satisfeitos com nada. Se estava sol, queixavam-se do calor, se estava frio e chuva queixavam-se de viver num sítio onde nem sequer podiam sair de casa...

Para além do mais, eram capazes de tudo por uma moeda de ouro!

Um dia, um duende brincalhão que por ali passava ouviu o que se comentava na cidade sobre esse casal, e decidiu provar se era verdade tudo aquilo que se dizia sobre eles.

Numa tarde em que o marido vinha da floresta carregado com lenha, o duende apareceu-lhe de dentro do tronco de uma árvore e disse-lhe: "Olá bom homem! Sentes-te bem?"

Pareces cansado e triste ... Será que estás com fome ou doente?

O homem, um pouco assustado com a presença do duende, respondeu: "Não... não estou doente nem cansado, e também não tenho fome... nada de mal se passa comigo. Só estou triste porque eu e a

minha mulher somos pobres e não conseguimos ter muitas coisas boas como gostaríamos de ter...

Então o duende respondeu: "Se não tens fome nem frio nem estás doente, então alegra-te porque não és pobre!". Mas o homem insistiu: "Sou sim. Um homem que não tem ouro é pobre!".

O duende riu-se e respondeu: "Olha que estás enganado. Eu se quiser posso ter todo o ouro do mundo, pois como sou duende sei onde se escondem todos os tesouros.

Mas a mim o que me faz falta é a luz do dia, ter o que comer e uma casa quentinha onde possa dormir descansado. Além disso preciso de ter saúde e ser forte para poder caminhar e apreciar tudo o que me rodeia. E como tenho tudo isso sou muito rico e feliz!

"Disparate!" Disse o homem, e insistiu "Ser pobre quer dizer que não se tem ouro. E como eu não tenho ouro não posso ser feliz".

"Tenho muita pena de ti homem" disse-lhe o duende "E para que sejas feliz como achas que deves ser, vou dar-te uma galinha que todos os dias porá um ovo de ouro. Só terás de esperar e recolher todos os dias um ovo. Não tarda nada, terás todo o ouro que sempre

desejaste ter e tu e a tua mulher serão felizes para sempre". Do tronco onde estava o duende saiu uma galinha que cacarejava alegremente. O homem, espantado, colocou-a rapidamente debaixo do braço e desatou a correr ladeira abaixo direitinho a casa, enquanto o duende ria às gargalhadas.

Assim que entrou em casa mostrou à sua esposa a galinha e contou-lhe tudo o que tinha acontecido. Marido e mulher ficaram toda a noite à espera que a galinha pusesse o tão desejado ovo de ouro. De manhã cedo, a galinha começou a cacarejar e, pouco depois, surgiu debaixo dela um enorme e brilhante ovo de ouro!

Ao verem o ovo, o casal ficou radiante mas, minutos depois, a mulher comentou: "Que chatice... teremos de esperar até amanhã para termos outro ovo de ouro!". Ao que o marido respondeu: "Pois é... que azar. Terão de passar muitas semanas até termos ovos suficientes para sermos os mais ricos da cidade. Devia ser por isso que o duende se ria às gargalhadas quando me deu a galinha".

Então a mulher lembrou-se: "Sempre ouvi dizer que as galinhas já têm dentro delas todos os ovos

que vão pôr... Se isso é verdade, porque é que não matamos agora a galinha e tiramos todos os ovos de ouro de uma vez? Seremos bem mais espertos do que o duende pensa!".

O homem concordou, e sem hesitar, pegaram na pobre galinha e abriram-na para assim poderem tirar todos os ovos.

Mas qual não foi o espanto do casal ao ver que dentro da galinha não havia nenhum ovo de ouro...

Marido e mulher começaram a praguejar e a chorar, lamentando-se da sua sorte, pois por ganância tinha perdido para sempre a galinha dos ovos de ouro.

Espreitando pela janela, o duende ria-se e abanava a cabeça, pensando que a verdadeira felicidade não está em ter ou não ouro mas está sim no coração de cada um.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Aladino era um rapaz muito pobre que vivia com a sua mãe. Aladino passava os dias a olhar para as janelas do palácio para ver a princesa, a rapariga mais bonita que alguma vez tinha visto. Um dia, estava a andar na rua quando foi chamado por um senhor muito bem vestido. O senhor disse que era um mágico e que lhe podia dar muito ouro e diamantes se ele o ajudasse. O Aladino, que era muito esperto, desconfiou da generosidade do homem, mas como precisava do dinheiro para ajudar a sua mãe, seguiu o mágico. Foram até fora da cidade e, por entre rochas, o mágico destapou uma argola que estava presa ao chão: "Levanta-a que aí dentro está o tesouro". O Aladino obedeceu.

Ao levantar a argola, abriu-se um buraco muito fundo na rocha. E o mágico disse: "Tens que descer até lá abaixo porque eu estou velho e não consigo. Lá dentro encontras todo o tipo de riquezas: Moedas de Ouro, pérolas e diamantes. Podes ficar com o quiseses. Preciso apenas que me encontres uma lâmpada de ouro".

Aladino, desconfiado, desceu ao buraco e viu um tesouro magnífico. Depois de muito procurar, encontrou uma lâmpada de ouro. O mágico pediu para que Aladino a atirasse antes de subir. O rapaz, desconfiado que o mágico não o ajudava a sair do buraco disse-lhe que só lhe daria a lâmpada quando ele saísse de lá e com uma parte do tesouro, como estava prometido. O mágico irritou-se e fechou-lhe a porta do buraco: "Já que não fazes o que te digo, ficarás aí fechado para sempre". Aladino ficou assustado e gritou por socorro, mas ninguém o ouvia. Sozinho e à espera que alguém o ajudasse, Aladino reparou que a lâmpada tinha algo escrito, mas como estava muito suja, não conseguia ler. Esfregou-a e, para seu espanto, surge-lhe um génio de dentro da lâmpada. "Sou o génio da lâmpada e estou aqui para satisfazer os desejos do meu amo".

Aladino ficou muito surpreendido e pediu para que o génio o tirasse de dentro da gruta. Esse pedido foi logo satisfeito. Então Aladino pediu ao génio o maior palácio do reino e muitas riquezas para si e para a sua mãe. E, para que não lhe roubasse a lâmpada, Aladino pediu ao génio que enviasse o mágico que o

tinha fechado na gruta para uma terra bem longe, de onde nunca pudesse regressar.

A riqueza do Aladino rapidamente chamou a atenção de Sultão que logo quis que se casasse com a sua filha, a princesa. Assim, Aladino casou com a princesa e o seu segredo nunca foi revelado.



Pocahontas

Há muitos anos, nas terras da Virgínia, vivia uma jovem índia chamada Pocahontas. Um dia seu pai, o grande chefe Ponhatan, comunicou-lhe que Kocoum, o guerreiro mais valente da tribo, havia pedido em casamento.

Pocahontas, confusa, foi pedir conselho à Avó Willow, um velho espírito que habitava uma árvore, na Floresta Encantada.

- Vovó- perguntou Pocahontas - o que devo fazer?

- Minha jovem, tudo à sua volta são espíritos. Ouça-os com o coração e eles lhe mostrarão o caminho.

O navio "Susan Constant" acabava de aportar na Virgínia. Neles viajavam colonos ingleses comandados pelo governador Radcliffe e pelo John Smith.

Vinha em busca de terras e ouro. Tão logo desembarcaram, o governador ordenou ao capitão que fosse inspecionar o lugar.

Ao entardecer, enquanto John Smith explorava a floresta, ouviu um ruído. Não lhe deu importância e se aproximou do rio para beber água.

Nesse momento, notou que alguém o seguia.

Escondido, preparou sua arma e, quando ia atirar, descobriu a moça mais linda que já tinha visto: Pocahontas.

Embora a princípio a jovem aparentava estar assustada, logo confiou em John. Juntos compartilharam momentos muito felizes, descobrindo os segredos da natureza. Mas a felicidade de Pocahontas e John Smith durou pouco...

A ganância de Ratcliffe havia colocado os colonos contra os índios. Pocahontas tentou evitar a guerra, mas um dos colonos disparou contra Kocoum e o matou. Os índios condenaram o capitão Smith à morte.

No momento em que iam executá-lo, Pocahontas se pôs à frente de John, para protegê-lo.

- Se o matarem, terão de me matar primeiro- disse a seu pai.

Os colonos, surpresos com a coragem de Pocahontas, baixaram as armas.

Radcliffe, furioso disparou contra Pohatan. O valente Smith se colocou à frente do chefe índio e o tiro o atingiu.

Diante da gravidade dos ferimentos, John teve de voltar à Inglaterra.

Pocahontas se despediu dele sabendo que um levaria o outro no coração.

Cinderela

Era uma vez uma bela jovem chamada Cinderela que vivia com o seu pai, um comerciante viúvo e muito rico.

Cinderela perdera a mãe ainda criança e o seu pai, pensando que Cinderela precisava de uma nova mãe, decidiu casar-se novamente.

A madrasta da Cinderela, também era viúva e tinha duas filhas muito feias e muito más, obrigavam a Cinderela, na ausência do pai, a fazer todos os trabalhos domésticos, fazendo troça dela sempre que podiam, e fingindo-se muito amigas na presença do pai.

Quando o pai de Cinderela morreu, por ordem da madrasta, Cinderela passou a dormir no sótão e a vestir-se de farrapos. Cinderela nada mais tinha que o seu pobre quarto e os seus amigos animais que habitavam na floresta.

Um certo dia foi anunciado naquele reino que o rei iria dar um baile no castelo, para que seu filho, um jovem e belo príncipe, pudesse escolher entre todas as jovens do reino, aquela que seria sua esposa.

Temendo que Cinderela fosse escolhida pois ela era realmente muito bela, a madrasta proibiu Cinderela de ir ao baile, argumentando não ter roupas adequadas para a vestir, enquanto suas irmãs experimentavam vestidos luxuosos para a festa.

Cinderela como era muito habilidosa, decidiu fazer o seu próprio vestido, com ajuda dos seus amiguinhos da floresta. No final estava satisfeita pois tinha conseguido fazer um bonito vestido.

Mas, na noite do baile, a madrasta e as suas filhas descobriram o vestido e rasgaram-no em mil pedaços!

Desolada, Cinderela foi para o seu quarto a chorar.

Sentada á janela, lamentava-se:

- Como sou infeliz! Não tenho nem tecido nem tempo para fazer um novo vestido...

Nesse momento, apareceu a sua fada madrinha que lhe disse:

- Não chores mais Cinderela, pois com a minha varinha mágica transformarei esta abóbora num coche puxado por quatro lindos cavalos brancos e destes panos velhos farei o mais formoso dos vestidos!

E então, Cinderela apareceu vestida com um sumptuoso vestido azul e uns delicados sapatinhos de cristal; ao seu lado encontrava-se uma luxuosa carruagem dourada e um cocheiro muito bem vestido que gentilmente, lhe abria a porta. Cinderela feliz da vida, entrou na carruagem, mas não sem antes ouvir as recomendações da fada madrinha:

- O encantamento terminará à meia-noite por isso terás de voltar para casa antes da última badalada, pois tudo voltará a ser o que era.

A jovem menina acenou que sim à fada com a cabeça, e partiu em direção ao castelo.

Quando entrou no salão, Cinderela estava tão bela que a madrasta e as suas irmãs, apesar de acharem aquele rosto familiar, não conseguiram reconhecê-la.

O príncipe, que não tinha demonstrado até então qualquer interesse pelas meninas que se encontravam na festa, mal viu Cinderela, apaixonou-se perdidamente por ela.

Cinderela e príncipe dançaram a noite inteira até que o relógio do castelo começou a tocar as doze badaladas. Cinderela ao ouvir o relógio, fugiu correndo pela escadaria que levava até aos jardins, mas no caminho, deixou ficar um dos seus sapatos de cristal. O príncipe desolado, apanhou o sapato e, no dia seguinte ordenou aos criados do palácio que procurassem por todo o reino a dona daquele pequeno e delicado sapato de cristal.

Os criados foram percorrendo todas as casas e experimentando o sapato em cada uma das jovens. Quando chegaram a casa da Cinderela, a madrasta só chamou as suas duas filhas e ordenou ao criado que lhes colocasse o sapato. Por muito que se esforçassem o sapato não serviu a nenhuma das irmãs.

Foi então que Cinderela surgiu na sala, e o criado insistiu em calçar-lhe o sapato. Este entrou sem dificuldade alguma. A madrasta e as suas duas filhas nem queriam acreditar!

O príncipe, sabendo do sucedido, veio imediatamente buscar a Cinderela, montado no seu cavalo branco e

levou-a para o castelo, onde a apresentou ao rei e à rainha. Poucos dias depois, casaram-se numa linda festa, e foram felizes para sempre.

Walt Disney's Branca de Neve e os 7 anões

Era uma vez um rei que vivia num reino muito distante, com a sua filha pequena, que se chamava Branca de Neve. O rei, como se sentia só, voltou a casar, achando que também seria bom para a sua filha ter uma nova mãe. A nova rainha era uma mulher muito bela mas também muito má, e não gostava de Branca de Neve que, quanto mais crescia, mais bela se tornava.

A rainha malvada tinha um espelho mágico, ao qual perguntava, todos os dias:

- Espelho meu, espelho meu, haverá mulher mais bela do que eu?

E o espelho respondia:

- Não minha rainha, és tu a mulher mais bela!

Mas uma manhã, a rainha voltou a perguntar o mesmo ao espelho, e este respondeu:

- Tu és muito bonita minha rainha, mas Branca de Neve é agora a mais bela!

Enraivecida, a rainha ordenou a um dos seus servos que levasse Branca de Neve até à floresta e

a matasse, trazendo-lhe de volta o seu coração, como prova.

Mas o servo teve pena de Branca de Neve e disse-lhe para fugir em direção à floresta e nunca mais voltar ao reino.

Já na floresta, Branca de Neve conheceu alguns animais, os quais se tornaram seus amigos. Também encontrou uma pequenina casa e bateu a sua porta. Como ninguém respondeu e a porta não estava fechada à chave, entrou. Era uma casa muito pequena, que tinha sete caminhas, todas muito pequeninas, assim como as cadeiras, a mesa e tudo o mais que encontrava que se encontrava na casa. Também estava muito suja e desarrumada, e Branca de Neve decidiu arrumá-la. No fim, como estava muito cansada, deitou-se nas pequenas camas, que colocou todas juntas, e adormeceu.

A casa era dos sete anões que viviam na floresta e, durante o dia, trabalhavam numa mina.

Ao anoitecer, os sete anões regressavam à sua casinha, quando deram com Branca de Neve, adormecida nas suas caminhas.

Que surpresa! Com tanta excitação, Branca de Neve acordou, espantada e rapidamente se apresentou:

- Eu sou a Branca de Neve.

E os sete anões, todos contentes, também se apresentaram:

- Eu sou o Feliz!

- Eu sou o Atchim e este é o Miudinho.

- Eu sou o Sabichão, e estes são o Dorminhoco e o Envergonhado.

- E eu sou o Rezingão!

- Prazer em conhecê-los. Respondeu Branca de Neve, e logo contou a sua triste história.

Os anões convidaram Branca de Neve a viver com eles e ela aceitou, prometendo-lhes que tomaria conta da casa deles.

Mas a rainha má, através do seu espelho mágico, descobriu que Branca de Neve estava viva e que vivia na floresta com os anões.

Então, furiosa, vestiu-se de senhora muito velha e feia e foi ter com Branca de Neve.

Com ela levou um cesto de maçãs, no qual tinha colocado uma maçã vermelha que estava envenenada!

Quando viu Branca de Neve, cumprimentou-a gentilmente, e ofereceu-lhe a maçã que tinha veneno. Ao trincá-la, Branca de Neve caiu, como se estivesse morta. A malvada rainha fugiu e, avisados pelos animais do bosque, os sete anões regressam apressadamente a casa, encontrando Branca de Neve caída no chão.

Muito chorosos, os anões colocam Branca de Neve, numa caixa de vidro, rodeada por flores.

Estavam todos em volta de Branca de Neve, quando surgiu, no meio do bosque, um príncipe no seu cavalo branco. Ao ver Branca de Neve, o príncipe de imediato se apaixonou por ela e, num impulso, beijo-a. Branca de Neve acordou: Afinal estava viva!

Os anões saltaram de alegria e Branca de Neve ficou maravilhada com o príncipe!

O príncipe levou Branca de Neve para o seu castelo, onde casaram e viveram muitos felizes para sempre.

Disney A Bela Adormecida

MINHAS
PRIMEIRAS
HISTÓRIAS

Era uma vez num reino muito distante, um rei e uma rainha que tiveram uma linda princesinha, a quem chamaram de Aurora.

Para celebrar o seu nascimento, todas as fadas foram convidadas para a festa. Cada uma das fadas, como prenda, concedeu à princesinha um dom especial. Todas exceto uma, fada má, que não foi convidada.

Esta, sabendo que todas as outras tinham sido convidadas para celebrar o nascimento da princesa Aurora, decidiu aparecer na mesma à festa e, em vez de lhe conceder um dom à pequena princesa, lançou-lhe uma maldição:

- Princesa Aurora, no dia em que fizeres 15 anos irás picar-te num fuso e morrerás!

Todos no castelo ficaram muito aflitos. Por sorte, havia uma fada boa que ainda não tinha concedido o seu desejo e, não podendo evitar que Aurora se viesse a picar num fuso, alterou o feitiço da fada má, de modo que a princesinha em vez de morrer, caísse num sono profundo. Este feitiço só poderia

ser quebrado ao fim de cem anos, quando um príncipe que por lá passasse se apaixonasse pela princesa e a beijasse.

Mesmo assim, o rei mandou destruir imediatamente todos os fusos e rocas que existiam no reino, para impedir que a sua filha se picasse.

Os anos passaram e a vida continuou sem nenhuma agitação, tornando-se a maldição apenas uma má lembrança.

No dia do seu décimo quinto aniversário a princesa, que brincava no jardim, é estranhamente atraída para a floresta. Lá encontra uma casa abandonada e decide entrar...

Dentro da casa ela encontrou um objeto pontiagudo que não reconhecia.

- Que objeto tão estranho... Que será?

Não resistindo à curiosidade pegou nele e acidentalmente picou-se! Imediatamente a princesinha cai num sono profundo.

A fada boa encontra a princesinha adormecida e leva-a para o castelo, deitando-a na sua cama real. A fada decide também adormecer todos os habitantes do castelo, num sono profundo durante cem anos.

Entretanto no reino corre a lenda de uma bela princesa adormecida...

Um belo dia, um jovem e corajoso príncipe consegue atravessar a densa floresta que envolvia o castelo e encontra todos os seus habitantes adormecidos.

Sabendo da lenda, dirige-se ao quarto da princesa e descobre a jovem mais bela que alguma vez vira, e não resiste a beijá-la.

Nesse momento, a princesa acorda, assim como todos os seus habitantes. A vida tinha voltado ao castelo!

Nesse mesmo dia celebrou-se o casamento entre a bela princesa Aurora e o corajoso príncipe, que viveram felizes para sempre.

O coelho das orelhas compridas

Amanhecia no bosque quando o coelhinho das orelhas grandes saiu de casa com o seu macacão azul e uma cesta, para comprar legumes e frutas.

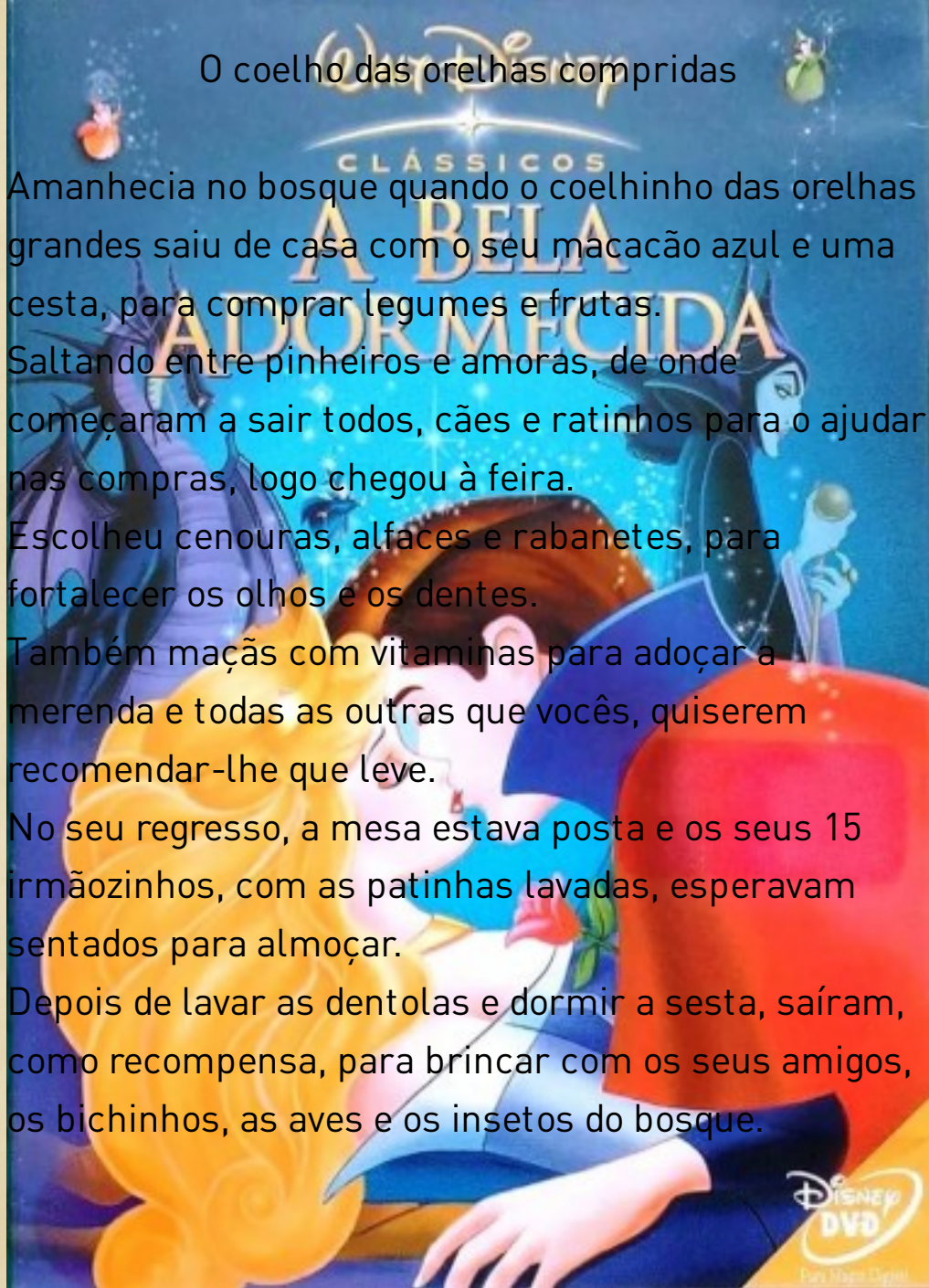
Saltando entre pinheiros e amoras, de onde começaram a sair todos, cães e ratinhos para o ajudar nas compras, logo chegou à feira.

Escolheu cenouras, alfaces e rabanetes, para fortalecer os olhos e os dentes.

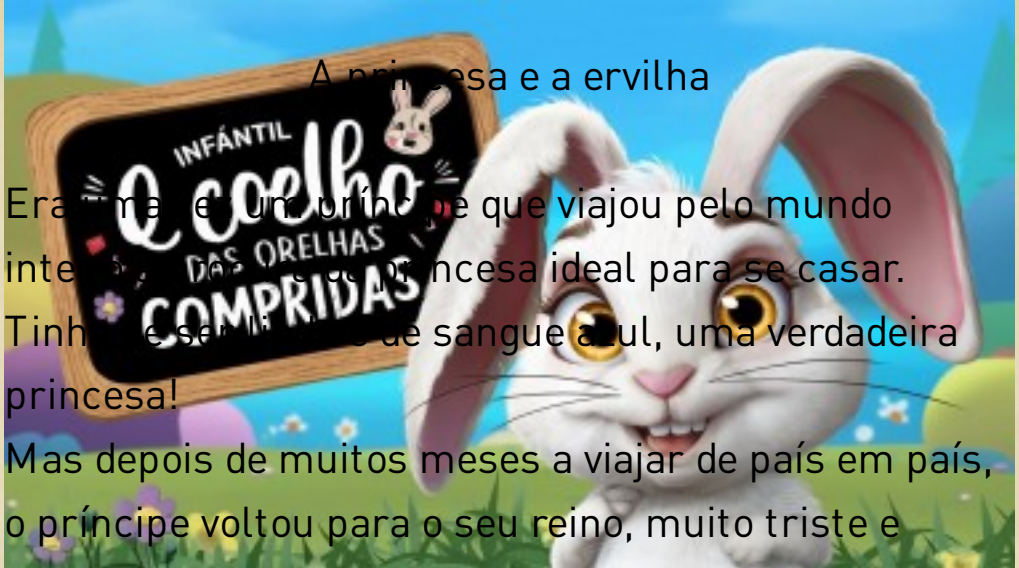
Também maçãs com vitaminas para adoçar a merenda e todas as outras que vocês, quiserem recomendar-lhe que leve.

No seu regresso, a mesa estava posta e os seus 15 irmãozinhos, com as patinhas lavadas, esperavam sentados para almoçar.

Depois de lavar as dentolas e dormir a sesta, saíram, como recompensa, para brincar com os seus amigos, os bichinhos, as aves e os insetos do bosque.



A princesa e a ervilha



Era uma vez um príncipe que viajou pelo mundo inteiro em busca de uma princesa ideal para se casar. Tinha um semblante de sangue azul, uma verdadeira princesa!

Mas depois de muitos meses a viajar de país em país, o príncipe voltou para o seu reino, muito triste e abatido pois não tinha conseguido encontrar a princesa que se tornaria sua mulher.

Numa noite fria e escura de inverno, quando o príncipe já pensava ser impossível casar com uma princesa, houve uma terrível tempestade. No meio da tempestade alguém bateu á porta do castelo. O velho rei intrigado foi abrir a porta. Qual não foi a sua surpresa ao ver uma bela menina completamente molhada da cabeça aos pés.

A menina disse: "poderei passar a noite aqui no seu castelo, senhor? Fui surpreendida pela tempestade enquanto viajava já de volta para o meu reino. Estou com fome e frio e não tenho onde ficar...".

O rei desconfiado perguntou: Sois uma princesa?

A princesa respondeu timidamente: "sim, senhor".
"Então entrai, pois seria imperdoável da minha parte deixar-vos lá fora numa noite como esta !" Respondeu o rei, não muito convencido de se tratar mesmo de uma princesa.

Enquanto a princesa se secava e mudava de roupa, o rei informou a rainha daquela visita inesperada. A rainha pôs-se a pensar e, com um sorriso matreiro disse "vamos já descobrir se se trata de uma verdadeira princesa ou não...".

A rainha subiu ao quarto de hóspedes onde ia ficar a princesa e, sem ninguém ver, tirou a roupa da cama e colocou por baixo do colchão uma ervilha. De seguida colocou por cima da cama mais vinte colchões e edredões e, finalmente, a roupa de cama.

Então desceu a escadaria e dirigiu-se à princesa, apresentando-se, e dizendo amavelmente: Já pode subir e descansar. Amanhã falaremos com mais calma sobre a menina e o seu reino...

A princesa subiu e deitou-se naquela cama estranha que mais parecia uma montanha!

Na manhã seguinte, a princesa desceu para tomar

o pequeno almoço. O rei e a rainha já estavam sentados à mesa. A princesa saudou os reis e sentou-se. Então a rainha perguntou: Como passou a noite, princesa?

A princesa respondeu: "Oh, a verdade é que não consegui dormir nada naquela cama tão incómoda... senti qualquer coisa no colchão que me incomodou toda a noite e deixou o meu corpo todo dorido!

O rei levantou-se e, muito ofendido, exclamou: "Impossível! Nunca nenhum convidado se queixou dos nossos excelentes colchões de penas!

Mas a rainha interrompe-o e disse com um sorriso: "Pode sim!" E explicou ao rei o que tinha feito para ver se realmente se tratava de uma princesa ou alguém a querer enganá-los.

A rainha levantou-se e disse a todos: "Só uma verdadeira princesa com uma pele tão sensível e delicada é capaz de sentir o incómodo de uma ervilha através de vinte colchões e edredões!".

O rei e a rainha apresentaram a princesa ao seu filho o príncipe e ele, mal a viu, ficou logo perdido de amores.

Ao fim de alguns dias, o príncipe casou com a princesa, com a certeza de ter encontrado finalmente uma princesa verdadeira que há tanto tempo procurava.

A partir daquele dia, a ervilha passou a fazer parte das joias da coroa, para que todos se lembrassem da história da princesa ervilha.

